

A URSS tem agora trinta vezes mais conselheiros militares no Terceiro Mundo do que os Estados Unidos. Formamos agora cerca de um terço das pessoas do Terceiro Mundo por ano que formávamos em 1970. Os soviéticos ultrapassaram-nos em 1980 e agora formam quase duas vezes mais pessoas do que nós.

(Ver gráficos na página 19 do texto inglês)

Além disso, o Congresso proíbe a formação de oficiais de países que não puseram os seus programas de tecnologia nuclear sob controle internacional. A lei contribui, assim, para isolar os oficiais militares desses países, deixando-os menos acessíveis às nossas posições e, possivelmente, mais inclinados a prosseguir um programa de armamento nuclear. Em resumo, a legislação consegue o oposto do que pretendia o Congresso.

Legislação da era post-Vietnam insensatamente continua a proibir formação para forças de polícia. A legislação obrigou as forças de combate dos Estados Unidos a permanecer em Granada muito depois de terem cumprido a sua missão. Tivemos de rogar ao Canadá, Inglaterra e outros governos para ajudar na formação de uma pequena força de polícia para Granada.

A maior parte da ajuda dos USA compra materiais. Enquanto alguns equipamentos dos USA de alta tecnologia são completamente apropriados para conflitos de baixa intensidade, uma grande quantidade do nosso material normal é demasiado complexo e dispendioso para os nossos amigos e aliados do Terceiro Mundo. Para satisfazer as suas exigências, os Estados Unidos poderão ter de restaurar sistemas obsoletos, apoiar ou melhorar sistemas produzidos no estrangeiro, ou desenvolver equipamentos concebidos expressamente para esses fins.

Assistência militar para o Terceiro Mundo não é ainda bem compreendida pelo público americano e, por conseguinte, não tem um grupo de apoio no Congresso. Não obstante, melhorias exigem ação do Congresso. A nossa lei de assistência militar deveria subcrever políticas praticáveis de pessoal, permitir-nos formar e equipar amigos e aliados para garantirem a sua própria segurança e também para fornecer incentivos para outros virem em sua ajuda.

- 4 - Os Estados Unidos precisam de trabalhar com os seus aliados do Terceiro Mundo para desenvolver "forças cooperativas".

Infelizmente temos muito a aprender com a União Soviética a este respeito. Os esforços soviéticos para promover e defender os seus interesses nos países menos desenvolvidos são normalmente apoiados por um elenco familiar de personagens do bloco soviético - cubanos, nicaraguanos, vietnamitas, norte-coreanos, este-europeus. Estas forças cooperantes são dirigidas e financiadas por Moscovo, mesmo quando não estritamente controladas de lá. Apoios podem também ser dispensados por quase-aliados como a Líbia ou a OLP, cujos interesses algumas vezes divergem dos da União Soviética, mas que estão disponíveis para o trabalho pesado noutras ocasiões. Toda a operação envolve enormes vantagens para a União Soviética, seja minimizando os seus próprios riscos de confrontação com o Ocidente seja tornado disponíveis tropas que se confundem facilmente com o ambiente.

Nesta área, os Estados Unidos têm grandes desvantagens competitivas. Porque são ditaduras os estados clientes da União Soviética podem ordenar secretamente missões de ajuda e unidades militares para o exterior e dissimular as suas missões ali. Os Estados Unidos e os seus amigos e aliados não podem normalmente movimentar tropas de um lado para outro de forma tão cavaleirosa.

Mesmo assim, alguns aliados têm razões fortes para aderirem a um programa de "forças - cooperativas". Eles podem apontar para os nossos interesses recíprocos em sociedades abertas e na con-

tenção ou inversão dos ganhos soviéticos no Terceiro Mundo. Eles esperam melhorar assim as suas próprias capacidades militares e talvez as suas influências políticas e económicas nas regiões a que pertencem. Poderíamos esperar desenvolver algumas forças móveis para missões em regiões particulares ou mesmo fora delas - um tanto segundo o modelo das tropas da República da Coreia ou do Task Force das Filipinas que ajudaram os Estados Unidos no Vietnam.

- 5 - No Terceiro Mundo, não menos do que nos países desenvolvidos, a estratégia dos USA deveria procurar maximizar as nossas vantagens tecnológicas.

Em alguns casos, tecnologias desenvolvidas para combater os soviéticos serão extraordinariamente úteis. Aqui também diferenciada a evitar danos colaterais a civis. Tecnologias avançadas para formação oferecer-nos-ão também formas mais efectivas para ajudar amigos a fazer ao terrorismo e à sublevação.

Certas tecnologias podem ser particularmente úteis no reforço da informação táctica, que é crucial nos conflitos no Terceiro Mundo: Elas incluem:

- Sistemas avançados de processamento da informação permitindo a nós e aos nossos amigos armazenar, classificar, recuperar e comparar enormes quantidades de dados a respeito das organizações rebeldes ou terroristas e sabotadores e terroristas individuais;
- Sistemas especiais de baixo custo, aviões de longa resistência e veículos "robóticos" de reconhecimento que tornam possível controlar vastas áreas, dia e noite, independentemente do tempo ou do terreno, e têm a vantagem adicional de eles poderem substituir em certa medida tripulações que podem ser perdidas ou tomadas como reféns.
- Redes de sensores e outros equipamentos micro-electrónicos que ajudam a verificar cuidadosamente os movimentos das for-

ças do inimigo;

- Sensores bio-e-micro-mecânicos com capacidades enormemente ampliados para detectar explosivos (e também narcóticos);

- Gráficos digitais fluorescentes de áreas perigosas (ou áreas recusadas a conselheiros americanos) para permitir o reconhecimento, o ensaio de planos e a formação para operações concretas.

Alta tecnologia não é sempre a resposta. Alguns transportes da Força Aérea e helicópteros do exército são demasiado grandes, dispendiosos e complexos para muitos aliados. Fornecer rações enlatadas para o terreno ou meios para fazer solas para as botas podem ser mais importantes para a mobilidade de um exército no Terceiro Mundo do que unidades avançadas de aviação.

6 - Os Estados Unidos precisam desenvolver alternativas para as bases no ultramar.

Em algumas situações, para estar seguro, as bases continuarão a ser extremamente importantes - "especialmente quando o nosso problema é defender contra possível agressão soviética. Mas não deveríamos ordinariamente estar dependentes das bases para defender os nossos interesse no Terceiro Mundo. Achamo-lo progressivamente mais difícil e politicamente oneroso, manter essas bases no exterior.

Aqui de novo a nossa tecnologia pode ajudar-nos. Satélites de baixo custo no espaço podem em alguma medida, substituir as funções de comunicação e de recolha de informações das bases no exterior. Podemos construir aviões de muito longa resistência para vigilância, com ou sem tripulação (também temos algumas importantes opções navais. Localizados em águas internacionais, ou nas águas terri

toriais de um aliado mas ainda fora de vista, as nossas operações podem ser de longe mais seguras do que aquelas nas bases em terra.

Entre as abordagens estudadas, uma das mais interessantes é a utilização de navios mercantes normais de contentores, para apoiar unidades especialmente configuradas, com os contentores transportando todos os necessários equipamentos militares.